Fernando Moreira de Sá

ENTREVISTA

Ascensão e queda de Passos, versão 2.0

Esta é a história digital dos bastidores da chegada de Passos Coelho ao poder e da queda do Governo na rede. Onde se fala de manipulação de fóruns das rádios e TV’s, de condicionamento de debates e se revela como Reis tentou evitar o pior em reuniões com bloqueadores, na Presidência do Conselho de Ministros...

POR MIGUEL CARVALHO TEXTOS E LUCILIA MONTEIRO FOTOS

O ponto de partida é a sua tese de mestrado, nove anos, na Universidade de Vigo (Espanha) sobre a importância da comunicação política digital na chegada de Pedro Passos Coelho à liderança do PSD. Consultor de comunicação, Fernando Moreira de Sá, 40 anos, regionalista ferrenho, foi um dos voluntários que, nos bastidores, trabalhou a caminhada política do atual primeiro-ministro na blogosfera e nas redes sociais, estratégia efetuada com recurso a informaçõs privilegiadas e campanhas segredos contra adversários. Rosto das empresas Comunicatessen e da Galaxia, parceiro da Nextpower (aqueles estão ligados Rodrigo Molina de Deus, da Comissão Político Nacional do PSD, e João Paulo Martins, filho de Luís Paulo Martins, da LPM), Moreira de Sá, em mais de uma ocasião, desvendou alguns segredos do caminho que levou Passos Coelho ao Governo... e as razões pelas quais o estado de graça da maioria nunca chegou a existir no Portugal digital.

> A comunicação digital foi decisiva, na ascensão de Pedro Passos Coelho?

Em 2009, o PSD era o mais digital dos partidos. Nessa época, os bloqueios estavam no auge, o Twitter já tinha uma força, o Facebook engordava. Os principais bloqueios de políticos tinham uma audiência média diária de 30 mil pessoas. Blogueiros como Carlos Abreu Amorim ou Daniel Oliveira tinham saltado para as televisões e o PS e o PPD começaram a credenciar bloqueadores para os congresos. Tudo estava maduro para se fazer o que se fez. Nos jantares de bloqueadores que Passos promoveu na comissão interna, dizia-se que todo o que viesse acima de 40% a 45% de votos era devido à ala dos bloqueadores. Ele teve todo o poder.

> Afirmou, na tese que os bloqueadores que apoiavam Passos tinham como referência o blogueiro Sócrates, próximo do Governo Sócrates... Por quê?

O bloquismo, que só por ser conhecido do anonimato, era o braço armado de Sócrates, no bloqueamento. Tinhas acesso a fontes privilegiadas e informações de foro privado dos adversários. Só podia funcionar dentro do gabinete da Presidência do Conselho de Ministros...

> Ligado ao ex-ministro Pedro Silva Pereira?

Toda a gente do meio sabia. Aí, costumávamos dizer que o bloqueio «volava» com o Sócrates e o Pedro Silva Pereira para a Venetuela porque os partidos diminuíam radicalmente nessa altura...

> Mas em que medida foi inspirado para a estratégia de Passos Coelho?

Ajudou a decretar Manuela Pereira Leite, então líder do PSD, e a «comunicação estratégica do Partido Popular».

> Se deixarmos uma informação sobre o caso Freeport num perfil falso e ele for sendo partilhado, daqui a pouco já estão pessoas reais a fazer daquilo uma coisa do outro mundo...

> Quem definiu essa estratégia?

Não posso dizer, mas os bloqueadores mantiveram Miguel Reis e eu tipo o chapa. Mas ao contrário do Corporação, não éramos amigos. O António Noqueira Leite, o Carlos Abreu Amorim, o Rodrigo Saraiva, o João Villalobos, o Fernando Moreira de Sá, etc. assumiram as suas opiniões.

> Havia um núcleo duro em Lisboa e outro mais voluntário no Porto?

Sim, mas isso já muito mais próximo das eleições diretas no PSD. O pré-diretas e a criação do bloco Albergue Espanhol.

> O braço armado de Passos Coelho no bloqueamento


> Como é que entrou nisto?

Pouco conhecido para o primeiro jantar de bloqueios. O Passos fazia uma coisa sem recha, sem assessoria, sem papéis. Respondeu a todas as perguntas, inclusive as mais complicadas, vindas do Paulo Guimote, do bloco Educação do Meu Único ou da Ana Matos Pires, do Juglar, sobre questões estruturantes da esquerda. Era, e outros aqui, que não podíamos derivar. Mas Pacheco Pereira tem razão numa coisa: fomos o braço armado para, dentro do PSD, e através do digital, desgastar Manuela Pereira Leite e os adversários do Passos. Até fazemos de bombardeiros do Aguiar Branco. Queríamos que ele fosse até ao fim...

> Albergue, estratégia digital, projeto político. Como funcionava, no dia-a-dia?

Por exemplo, existia um mail acessível a um grupo fechado, através do qual recebíamos informações, linhas gerais, provierentes de quem estava a preparar o programa do Passos. No início, nem sabíamos quantos
Monica de Sá  

> Nas últimas autárquicas, o consultor de comunicação recebeu ligação à campanha de Menezes, do Porto, de Carlos Abreu Amorim em Gasa e conseguiu aparentar a Teixeira para a coligação PSD/CDS.

> O único capaz de ganhar a Sócrates. A equipa do Sócrates ajudou, sem querer, batim no Rangel e ignoravam o Passos, que também ia ganhando pontos ao abordar questões freaturantes da esquerda. Num jantar de blogueiros, queriam saber a opinião dele sobre a adopção de crianças por casais homossexuais. «Se os interesses da criança estiverem mais defendidos com um casal homossexual, sou a favor». Ao dizer isso, ele abriu uma janela importante na blogosfera de esquerda. O próprio eleitorado do PSD percebeu que não eram só os «da cor do» que defendiam até os adversários o respeitavam. À esquerda converteram-se de que ele representava a direita tolerante.

> Conquistado o PSD, o que seguiu?


> O mail «ehlerados manteve-se?»

> Sim. Com mais força e mais «file-migren» informativo.

> Quem fazia chegar essas informações?

> Não vou dizer. Essas pessoas também não dizem quem lhe fazia chegar a elas. Mas não seu parvo! Por três disto tinha de estar Miguel Relvas, um visionário quanto à importância das redes sociais para levar o Passos onde queria.

> Como se avendeu Passos ao PSD?

> Nas diretas, o universo era de 60 mil militantes, muitos deles dificilmente de convencer. Mas compraram a ideia de que o Passos era...
as redes sociais, perfis falsos no Facebook e por aí adiante, mas éramos um menino do coro comparados com os tipos dele. Não há virgíns típicas em qualquer campanha eleitoral, existem centenas de perfis falsos, mas perfis com vidas, que incluem fotografias de família, "clubes do futebol", "gostos", etc. O segredo é ir pedindo "amizades" a pessoas da política e alargar os círculos de "amigos". Se deixarmos uma informação sobre o caso ProPost: um perfil falso e ele for sendo mantido, daqui a pouco já estão pessoas reais a fazer daquilo uma coisa do outro mundo.

Os fóruns da rádio e da televisão são facilmente manipuláveis?
Completamente. Se for preciso, provam. Existem equipas só para isso, nos partidos e nas consultorias de comunicação que fazem assessoria política. As juventudes partidárias são uma boa base de recrutamento. Em 2011, o Sócrates foi ao fórum da TSP. Decidimos entretanto a descobrir-se por coisas, exagerando os efeitos. Deu um bradul enormo. O diretor da TSP teve de explicar... por causa das críticas dos ouvintes, que constataram ali que uma coisa do tipo Deus no céu e Sócrates na terra. Deu-nos um grito tremendo!

Por trás disto tinha de estar Miguel Relvas (...). Não éramos anjinhos, sabíamos ao que íamos.

E o jornalismo? Também está mais performativo?
Os jornalistas agem nas redes sociais sem se protegerem, enriquecendo que aquilo é também uma ferramenta de trabalho. Mas há outro problema para vocês: quando as reações são vítimas da concentração mediática, da situação económica e de licenciaturas arcaicas na área do digital, é óbvio que, para este mundo novo e performativo, o jornalismo está mais manipulável.

O que aconteceu quando o PSD ganhou as legislativas?
Primeiro, acabou o Albergue Espanhol e foi criado o Telejornal. Sabíamos que o ambiente ia ser hostil, mas nunca imaginámos que fosse tão hostil nas redes sociais. Aí, o estado de graça do primeiro-ministro quase não existia. Como os blogueiros tinham sido muito importantes para a chegada ao poder, chamaram alguns para o Governo e suas imediações. Foi um erro.

Nomes?
Abílio Santos Pereira, do Desmatos, foi para o ministério da Economia; Carlos Sí Carneiro entrou para o adjunto do primeiro-ministro; Pedro Correia foi para o gabinete do Relvas; Luís Naves também, mais tarde; João Vaz Filho, para a secretaria da Espanha; Carlos Miguel Azevedo para o gabinete do primeiro-ministro; António Filipe e, ao longo do tempo, foi com a produção de Negócios Estrangeiros; José Aguiar para a AICP; Pedro Freitas para a comissão de extinção da militância, o PS também recusa no âmbito da Armada. Houve outros, hã. Em ministros, secretários de Estado e assessores, havia uma razão em blogueiros como o Albergue Espanhol, o Jornal de Negócios Estrangeiros, a Bla Bla Bla, etc. Apenas o Avento ficou em branco. O que, quando o Governo começou a levar porra nas redes sociais, só tinha o Telejornal que não podia estar.

O recorde dos Relvas não tentou atear fogo?
Sim, ainda está a fazer um encontro de blogueiros no digital, mas também pela sua queda.

Por quê?
Não se pode ter um estraté...